

Marc Chagall

Por Valmir Perez

A PRIMEIRA VEZ QUE ENTREI NUMA BIBLIOTECA, EU DEVIA ter uns 8 anos de idade. Lembro-me até hoje do primeiro livro que li e que, por sorte, encantou-me. Era um livro velho, de páginas amareladas e capa puída, que denunciava sua idade. Não me lembro mais do título, mas me recordo com perfeição do seu conteúdo e de como ele me fascinou. Era dividido em alguns tantos capítulos e cada um contava uma fábula ou lenda brasileira.

Foi ali que descobri as histórias que antes passavam de pais para filhos, desde que no Brasil as várias culturas se mesclaram. Hoje, entendo, perfeitamente, que elas traziam e ainda trazem em si a alma de nosso povo e que contribuem para a formação de nossa visão de mundo, de nossa cultura como povo, com todas as suas peculiaridades. E por isso é tão importante preservá-las.

Atualmente, ao presenciar a destruição sistemática da nossa cultura genuinamente popular – quem tiver alguma dúvida disso basta assistir aos enlatados americanos que povoam nossas telinhas – percebo também o quanto isso pode ser danoso para as futuras gerações. O quanto uma cultura fabricada pode também alterar o nosso “inconsciente” coletivo e, em consequência disto, alterar o nosso entendimento e compreensão da nossa realidade íntima como nação e cultura únicas.

Os imperadores romanos já sabiam disso, e sabiam também que não podiam contar apenas com seus exércitos para sustentarem a dominação de seus territórios ocupados. Não era à toa que ao invadirem a pátria de seus subjugados, invadiam também a sua cultura, determinando assim a ruptura do elo subjetivo das sociedades.

Além disso, outras táticas mais antigas foram utilizadas

Fábulas, símbolos, cores e formas

para que as gerações futuras pudessem “esquecer” a linha da sua história, assim perdendo seus referenciais. Fazer algum fato importante cair no esquecimento também é uma tática muito boa. Os faraós das dinastias ulteriores, geralmente por razões políticas, mandavam apagar os feitos de seus antecessores.

Assim, a despeito dessas estratégias, que aos historiadores cabe questioná-las, é possível compreendermos mais profundamente o desenvolvimento histórico e artístico que determinaram o nosso estado social presente, se sairmos em busca das forças sutis que delinearão esses caminhos. Essas forças foram e ainda são, sem exceção, postas em movimento, dinamizadas, artificialmente ou não, pelas crenças subjetivas dos povos e de seus representantes.

Filtro da realidade

Nossas crenças funcionam como uma espécie de filtro da realidade. Elas representam o roteiro pelos quais as pessoas determinam seus caminhos, suas escolhas. Alguém que creia incontestavelmente em certo dogma religioso, político ou científico pautará suas atitudes e decisões, inconscientemente, nesses conceitos subjacentes aos processos conscientes, mesmo que estes estejam, muitas vezes, alienados da realidade.

É comum vermos pessoas extremamente inteligentes, com formação elevada e cultura sólida – requisitos que possibilitariam mais liberdade de escolha – a pautar suas vidas e decisões sob o filtro dessas crenças rígidas. Isso faz com que elas apresentem certos comportamentos incongruentes, que definem o grau de desajuste entre crença e realidade. A partir daí, matar em nome de Deus e atingir os fins sem se preocu-

par com os meios será apenas mais um passo.

Todos nós temos a liberdade de crença, isso é indiscutível! Acreditamos que as crenças estão acima das discussões e questionamentos. Então, isso faz com que uma pessoa, cujos pensamentos e ações são pautados fanaticamente por algum tipo de cosmologia, ideologia, determinada fórmula de governo, economia, ou aplicação dos frutos das ciências, esteja geralmente convicta de que esse direcionamento é o único correto; e é aí que mora o perigo.

Ao invés de avançarmos as discussões sobre a importância, o benefício ou o malefício daquilo que determina nossas escolhas, nos fechamos cada um em nossa casca paradigmática. Isso é um prato cheio, principalmente para aqueles que pretendem nos escravizar e, confortavelmente, dominar as massas, fabricando e divulgando através dos diversos meios, comportamentos que lhes são mais apropriados e lucrativos.

Ditadura do comportamento

A propaganda utiliza uma infinidade de técnicas para impor ao subconsciente das pessoas determinadas formas de comportamento. A mais conhecida é a que lança mão da exposição contínua das mentes às informações repetitivas e duradouras. Após determinado tempo, recebendo as marteladas liminares e subliminares de mensagens enganosas, as mentes acabam por aceitar essas imposições artificiais, irrealis e mentirosas, como sendo a mais pura verdade.

Mesmo antes de Edward Bernays⁽¹⁾, sobrinho de Freud e precursor do conjunto de técnicas que ele mesmo denominou de “relações públicas”, Joseph Goebbels⁽²⁾, ministro do povo e da propaganda de Hitler, utilizava meios de “manipulação de massas”, que visavam a alienação direcionada das mentes e sentimentos dos alemães.

Aliás, Bernays somente cunhou o termo “relações públicas”, após a segunda guerra mundial, para maquiá-los indiscutíveis paralelos com a “propaganda” nazista, pois





poderia transparecer demais que, a partir daquele momento, o povo americano, e, de certa forma, ocidental, também se encontrava submetido ao jugo das técnicas de manipulação de massas.

A força libertadora da arte

Os meios de controle da opinião pública evoluíram muito durante o período após Freud até o presente momento, mas se vasculharmos cuidadosamente o passado das civilizações, tanto ocidentais quanto orientais, comprovaremos que esse conhecimento é muito antigo. É por isso que muitos artistas acreditam que suas obras podem romper e destruir crenças impostas e libertar as pessoas da escravidão das manipulações.

Ao desmitificarem e desmontarem os valores, as fábulas e mitos criados por regimes totalitários e democráticos de fachada, esses artistas demonstram estar conscientes da força libertadora da arte. Tratando de lembrar aos povos suas fábulas e mitos ontológicos, eles procuram acordar as consciências da hipnose provocada, lembrando-as do que é essencial e puro; do que é próximo às suas verdadeiras origens.

Alguns deles utilizam seu talento, conhecimento e trabalho exatamente para colaborar com as mudanças sociais e políticas revolucionárias contidas nos discursos de seus precursores, na ânsia de contribuir com mudanças profundas, visando a libertação dos povos. Um caso clássico da história da arte é o do envolvimento de Chagall com a revolução russa. Também vem daí o exemplo de como eles podem se decepcionar quando se deixam levar ingenuamente apenas pelos discursos.

Quem foi Marc Chagall

Marc Chagall nasceu em Vitebski, na Bielorrússia, no dia 7 de julho de 1887. Era o mais velho dos nove filhos de uma família de origem judaica. Na época de seu nascimento, os judeus na Rússia viviam sob constantes perseguições governamentais. Sofriam com preconceitos, segregações e discriminações, e, por isso, criaram suas próprias escolas, hospitais, cemitérios, moradias etc. Viviam da confecção de móveis, ferramentas e vestuários, que eram comercializados em todo o país.

Em suas notas bibliográficas, Chagall recorda a grande influência que sua arte sofreu do judaísmo hassídico e da cabala. Naquele tempo, as crianças e jovens judeus não tinham direito a frequentar escolas e universidades, dadas as políticas de discriminação e segregação estatais.

Até a circulação nas cidades era restringida às pessoas dessa etnia.

Sua educação primária se deu, então, na escola local, onde estudou, além das matérias básicas, o hebraico e a bíblia. Um pouco mais tarde apenas, sua mãe, demonstrando grande coragem, conseguiu subornar um professor de escola estatal para que seu filho pudesse ter melhores acessos à educação.

A paixão pela pintura

Seu primeiro contato com a arte foi quando viu alguns desenhos de um amigo da escola. Ele, então, confessa à mãe que deseja ser pintor. Ela não entende o súbito interesse da criança pela profissão, pois, para os judeus daquele tempo e naquelas condições, isso era uma coisa impraticável.

Em 1906, aos 19 anos, usando um passaporte temporário de um amigo, foi para São Petersburgo, centro da vida artística russa e onde se encontravam as melhores escolas de arte. Matricula-se numa dessas prestigiosas escolas e estuda por dois anos. Já em 1907, inicia-se na pintura naturalista, autorretratos e paisagens.

Entre 1908 e 1910, estuda com León Bakst⁽³⁾; descobre o teatro experimental e a arte de Paul Gauguin. Em 1910, apaixona-se por Bella Rosenfeld, que será tema de muitos de seus quadros. No mesmo ano, muda-se para Paris, na França, onde desenvolve seu próprio estilo artístico e a amizade com Guillaume Apollinaire⁽⁴⁾, Robert Delaunay⁽⁵⁾ e Fernand Léger⁽⁶⁾. Matricula-se na academia de arte La Palette; visita salões e galerias e aprende a técnica do guache, que utiliza para pintar paisagens russas.

O envolvimento com a revolução russa

Em 1914, volta para a Rússia, pois pretende se casar e retornar rapidamente a Paris, para continuar seus estudos, mas, algumas semanas depois, estoura a primeira guerra mundial e as fronteiras dos países europeus são fechadas. Casa-se com Bella no ano seguinte. Envolvido com a vitoriosa revolução de outubro de 1917⁽⁷⁾, transforma-se em comissário de arte.

Funda o “Colégio de Arte de Vitebsk”, que se torna uma das mais famosas escolas de arte de todo o território soviético. A partir de 1915, com apoio do partido, exhibe seus trabalhos em Moscou e, em 1916, em São Petersburgo. Sua obra é comprada por ricos colecionadores. Ilustra uma série de livros em ídiche com desenhos à tinta. A partir de 1921, realiza cenários para teatro.



O retorno à arte livre e libertadora

Sob o regime dos bolcheviques ⁽⁸⁾, o povo soviético passa a experimentar a penúria e todos os problemas posteriores à revolução, a partir da era Stalin ⁽⁹⁾. Como muitos outros artistas, Chagall resolve voltar para a França, em 1923, a fim de readquirir maior liberdade de expressão para sua arte.

Já em território francês, o mestre volta sua pintura para os temas de sua cidade natal, para seus primeiros anos em Vitebsk. Através do marchand Ambroise Vollard, cria ilustrações para alguns livros, dentre eles as “Fábulas” de La Fontaine.

Em 1926, expõe pela primeira vez nos Estados Unidos, na galeria Reinhardt, de Nova York. Entre 1931 e 1934, volta-se obsessivamente sobre temas bíblicos. Vai para Amsterdã, na Holanda, pesquisar a pintura religiosa de Rembrandt ⁽¹⁰⁾ e El Greco ⁽¹¹⁾.

A perseguição nazista e a consagração na América

Em 1933, Hitler sobe ao poder na Alemanha e inicia a perseguição à arte modernista. Em 1937, cerca de 20 mil obras de arte são confiscadas de museus alemães sob a denominação de “arte degenerada”, por um comitê liderado por Joseph Goebbels. Chagall, ingenuamente, permanece na França após a invasão alemã.

Em 1940, os nazistas, apoiados pelo regime colaboracionista da “França de Vichy” ⁽¹²⁾, aprovam leis antissemitas. Foi nesse momento que o artista se deu conta do perigo que corria com sua família em solo francês. Em 1941, quase tarde demais, vai para os Estados Unidos onde fica até 1948.

Em 1939, já tinha sido agraciado com o Prêmio Carnegie e conseguido renome internacional. Em 1942, projetou os cenários e figurinos do balé Aleko, coreografado por Leonid Massine ⁽¹³⁾. Em 1944, quase no final da Segunda Guerra, Bella falece subitamente de infecção por vírus. Depois de um ano morando com a sua filha Ida, fruto de seu casamento com Bella, Chagall apaixonou-se por Virginia Haggard, com quem vive por 7 anos e tem um filho: David McNeil. Em 1946, o Museu de Nova York realiza uma exposição retrospectiva de 40 anos da sua obra.

O retorno ao Velho Mundo

Após a guerra, em 1948, Chagall retorna à França, instalando-se na região de Côte d’Azur, mais popularmente conhecida como Riviera Francesa. Em 1952, Virginia o

abandona. Sua filha Ida, sentindo que o pai está solitário, apresenta-lhe Valentina Brodsky, que se torna, primeiramente, sua secretária e, alguns meses depois, sua esposa.

Em 1963, é contratado para pintar o novo teto da Ópera de Paris, que é apresentado ao público em 23 de setembro de 1964. Cria vitrais para diversos edifícios; entre eles, um para as Nações Unidas, em homenagem a Dag Hammarskjöld ⁽¹⁴⁾, morto em acidente de avião na África, e o da igreja de Santo Estevão, na cidade de Mainz, na Alemanha, em 1978. Além de pintor, cenógrafo e vitralista, Chagall também realizou obras em cerâmica e escultura. Morreu em Saint-Paul de Vence, na França, em 28 de março de 1985, aos 98 anos de idade.

A arte fabulosa de Chagall

Populista ao extremo, Chagall pretende despertar o sentimento puro da cultura russa. Podia estar enganado quanto aos rumos da revolução, mas sua obra demonstra que sua atitude era franca e sincera. Para ele se daria, de fato, o grande despertar de um povo massacrado por um regime imperial e elitista, se a arte popular viesse lhes trazer novamente o orgulho da cultura simples, das fábulas impregnadas da alma de um povo.

Seria absolutamente revolucionário fazer cair todas as imposições de uma arte burguesa que depreciava a cultura das massas. Argan observa com extrema acuidade esse seu envolvimento, nos revelando que...

“A pintura de Chagall é fábula, mas a fábula é problemática. Não poderia deixar de sê-lo numa sociedade que, após uma revolução tecnológica e uma revolução ideológica, considera-se finalmente adulta.

A atenção dos estudiosos etnógrafos e linguistas concentra-se no problema da fábula; pesquisa-se sua origem, sua estrutura, seu significado, sua função. Mantém relação com a moral, a cultura, o costume do povo; todavia, no passado, era tida como a expressão típica da condição de eterna infância, atribuída ao povo pelas classes dirigentes para justificar seu poder paternalista.

Essa tese é contestada pelos estudiosos de formação marxista, para os quais o povo não é o elemento passivo, e sim o sujeito, o protagonista da história – como poderia uma classe que, por constituição, é irremediavelmente tradicionalista fazer a revolução? Quase simultaneamente, Chagall, com sua obra de artista, e Propp ⁽¹⁵⁾, com seu trabalho de cientista, demonstram a mesma coisa: a fábula não é uma tradição que se transmite por inércia, mas é a expressão viva da criatividade do povo.

Sendo uma força popular, pode ser uma força revolu-



cionária. Chagall não trata da revolução tecnológica, que é ainda uma revolução da burguesia. Participa da revolução socialista com um entusiasmo que, aos dirigentes da revolução, parece louco.” (ARGAN 2008) ⁽¹⁶⁾

Chagall considera as cores a “vida integrante” de uma obra. Através delas é que determina planos, ritmos e movimentos. Trabalha o simbolismo sob todos os ângulos. Formas e cores são os veículos da linguagem que estruturaram as suas fábulas visuais, pois:

“... para Chagall, fala e fábula são (e de fato são) a mesma palavra, e com a fábula inventa-se a língua... Chagall também parte do populismo, e tal é seu limite em face da vanguarda soviética. Seu ideal, porém, é introduzir esse seu fluxo de lembranças e sentimentos, obscuros, mas poderosos e vitais, no cerne da cultura europeia; iluminar os mistérios de sua “alma russa” à luz fulgurante da pintura francesa, dos impressionistas aos fauves; reviver, enfim, a ardente aventura do artista a quem mais admira, Van Gogh. (ARGAN 2008) ⁽¹⁷⁾

Fica muito claro que Chagall fazia, de fato, o papel do subversivo no sistema de massificação adotado pelo império soviético. Sua admiração por Van Gogh vai além da simples técnica e sensibilidade. Van Gogh, como ele, ousou fazer de sua arte, uma arte de contestação e libertação. Denota-se aí, exatamente, o paralelo subjetivo de sua pesquisa com a do artista holandês.

O populismo de Chagall vai ao extremo de construir uma arte essencialmente popular. Ele não pretende criar uma visão de mundo intelectual abstrata. Em alguns de seus quadros notamos o que alguns teóricos e historiadores da arte denominam de “fabulação visual”. Suas perspectivas e figuras decompostas, seus espaços impossíveis, sua geometria ilógica subvertem magnificamente o racional e cria mundos mais próximos aos sonhos.

Quando escutamos uma fábula somos transportados a outro universo, onde as leis físicas e ordinárias conhecidas desaparecem, dando lugar ao imaginário que nos transporta para outras dimensões. Esses estranhos fenômenos nos remetem ao nosso interior mágico, aos mundos fantásticos de nossa origem ancestral. Se os símbolos são a linguagem do inconsciente e se é através dos símbolos que se criam as linguagens de dominação, por que então não usar os símbolos para que se possa retomar o que é essencialmente natural e foi obscurecido?

O discurso feito de cores e formas

Chagall se utiliza da linguagem visual para construir seu discurso simbólico. Seus quadros são textos de cores

e formas. Não são textos explícitos. É linguagem entre o artista e apenas a alma de seu povo.

“O processo de Chagall é, em certo sentido, um processo de transliteração, semelhante ao de Brueghel, quando dá configuração aos provérbios flamengos: transpõe para imagens visuais as palavras de um texto. O texto que se encontra sob as figurações de Chagall nunca fica explícito, e apenas ele o conhece. Ele e o “povo”, que talvez não saiba o que o artista quer dizer naquele caso específico, mas possui a chave, o código da mensagem, porque a estrutura do discurso é a do discurso popular, em suma, inverte o procedimento da arte ‘áulica’, feita para uma elite de iniciados: faz uma arte para iniciados, todavia os iniciados constituem uma massa, e as camadas da elite não são capazes de entendê-la, estão dela excluídas da mesma forma como os adultos estão excluídos do fascínio de uma fábula.” (ARGAN 2008) ⁽¹⁸⁾

É preciso entender que uma obra de arte visual será sempre uma obra de mensagem subjetiva. Por mais realista que seja a sua forma, seu conteúdo simbólico é tanto mais potente quanto mais utiliza “padrões essenciais”, que põem em movimento o universo inconsciente de quem os aprecia.

A expressão através da luz

Na arte da iluminação, cuja expressão se dá através das propriedades da luz sobre os espaços e a dimensão-tempo, é possível construir mensagens através de uma linguagem própria. Brilho, intensidade, direção, ângulo, intermitência, duração, cor, textura, forma, volume e movimento são alguns dos meios físicos que constroem a linguagem com a qual criamos tais mensagens conscientes e inconscientes.

Essas mensagens, tanto podem valorizar os artificialismos – crenças distantes de nossa natureza essencial – fazendo com que nos distanciem da profundidade original de nossa natureza, como podem, por outro lado, despertar em todos nós os sentimentos mais profundos, mais naturais, capazes de transformar nossas vidas e nos acordar para o que é “essência” em nós e nas nossas relações com o mundo externo.

As mensagens simbólicas, criadas através dos meios físicos expressivos, irão determinar profundamente, num nível paralelo ao consciente, os automatismos de conduta, através da fundamentação dos sistemas de crenças. Se a crença instituída for a de que é preciso, primeiramente, analisar profundamente uma tomada de decisão, sem preconceitos, isso será um bom caminho. Ao contrário,



se a crença for rígida e determinista, as escolhas se darão sem o crivo consciente da reflexão. Daí os automatismos dos fanáticos.

A pergunta então que se deve fazer é: a quem pertencerá nossa cultura se não nos atentarmos para a nossa responsabilidade, enquanto artistas que constroem mensagens sobre os espaços? Que cultura iremos cultivar? Que tipo de crença estaremos instalando na sociedade? Em determinado momento, Chagall percebe que sua obra pode se transformar em arma de resistência, na medida em que com ela pode fazer o povo lembrar a si mesmo, lembrando de sua cultura tradicional.

É também nesse momento que se transforma num estorvo aos objetivos de escravização das massas dentro da agenda dos dirigentes do partido. Por que Goebbels se atira tão ferozmente sobre os modernistas? É óbvio que a razão principal é que esse tipo de arte não servia aos interesses nazistas. A estrutura conceitual do modernismo é pautada, exatamente, numa agenda de libertação das consciências.

E quanto a nós, artistas da luz, qual será a nossa posição? Deixaremos as nossas raízes de lado ou nos tornaremos simples operários alienados? Iluminar os espaços é construir frases, textos, história e cultura. Construir as fábulas que irão, por sua vez, construir os filtros imagéticos de nossos descendentes. Suas decisões também serão pautadas por essas fábulas visuais impregnadas em nossas obras – nas obras de luz.

E se, como num pesadelo orwelliano⁽¹⁹⁾, alguém resolvesse que nossa história deveria ser apagada e reescrita? Fariamos o papel de serviçais? Não apagamos nossa história todas as vezes que permitimos que o artificialismo cultural tome conta de nossas cidades, enterrando a nossa história e valores?

O valor dos símbolos

Cabe aqui também salientar que o profissional projetista de iluminação deve compreender a importância dos símbolos em nossas vidas. Somos dominados por símbolos. Vivemos cercados por eles e precisamos, urgentemente, entendê-los. Como realizar obras de arte com profundidade sem o conhecimento da linguagem simbólica sutil? Até quando projetistas realizarão suas obras sem levar em consideração os meandros subjetivos de suas criações?

A arte da iluminação salta quanticamente o tridimensional e vai em direção à quarta dimensão-tempo, que também se torna instrumento, letra, número e, portanto, frase, do texto visual, das fábulas modernas. Nossa cultura

original é nosso maior patrimônio enquanto sociedade. Como, então, deixar de participar de sua preservação?

Todas as outras coisas compradas em Miami vão um dia enferrujar e derreter, menos o nosso elo subjetivo, entre mim e você, entre nós e o cidadão que nos colhe o lixo todos os dias.

Certa vez, um amigo me contou que quando seu país foi dominado por forças estrangeiras, as mulheres faziam suas roupas e as roupas de suas crianças com as cores de sua bandeira pátria. Isso elas fizeram para que ninguém esquecesse suas raízes culturais, mesmo sob o domínio de outro Estado.

Alguns povos, mesmo estando com os inimigos dentro de suas casas, continuaram sendo povos, lutando pela libertação, apenas ligados pelo elo cultural. Foi por isso que muitos deles conseguiram se reestruturar e expulsar seus inimigos. Se nós, artistas da luz, deixarmos que a nossa cultura seja destruída por outros interesses menores, talvez tenhamos, um dia, que nos curvar a esses interesses, lamentando a nossa falta de visão e de coragem. ◀



Valmir Perez

é lighting designer, graduado em Artes e mestre em Múltiplos Meios. É responsável pelo Laboratório de Iluminação da Unicamp, onde desenvolve projetos de iluminação, captação de imagens e de softwares, além de ministrar cursos, workshops e palestras. Contato – valmirperez@gmail.com/www.iar.unicamp.br/lab/luz.

Referências:

ARGAN, G. Carlo. *Arte Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
WULLSCHLAGER, Jackie. *Shagall*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009.
FORESTIER, Sylvie; MEYER, Meret. *Chagall e La Cerâmica*. Milano: Jaca Book, 1990.
SCHMIDT, George. *Chagall*. Paris: F. Hazan, 1952.
GLOBO. *1 Século de Pintura em Paris*. São Paulo: Rede Globo, 1976.
Wikipédia: <http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Special:Search&search=shagall>

(1) Edward Louis Bernays (1891 - 1995): pioneiro na área de relações públicas e propaganda juntamente com Ivy Lee, que no seu obituário se referia a ele como o "pai das relações públicas". Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Edward_Bernays, em 14/10/2010. (2) Paul Joseph Goebbels (1897 - 1945): ministro do Povo e da Propaganda de Adolf Hitler na Alemanha Nazista, exercendo severo controle sobre as instituições educacionais e os meios de comunicação. Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Joseph_Goebbels, em 14/10/2010. (3) Leon Samoilovitch Bakst (1866 - 1924): pintor, cenógrafo e ilustrador russo, considerado um dos vultos mais importantes do grupo de artistas Mir Iskustva e dos projetos teatrais de Sergei Diaghilev. Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/L%C3%A9on_Bakst, em 16/10/2010. (4) Guillaume Apollinaire (1880 - 1918): escritor e crítico de arte francês, possivelmente o mais importante ativista cultural das vanguardas do início do século XX. Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Guillaume_Apollinaire, em 16/10/2010. (5) Robert Delaunay (1885 - 1941): artista francês que usava o abstracionismo e o cubismo em seu trabalho. Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Robert_Delaunay, em 16/10/2010. (6) Jules-Fernand-Henri Léger (1881 - 1955): pintor e desenhista cubista, autor de muitas litografias. Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Fernand_L%C3%A9ger, em 16/10/2010. (7) Revolução de Outubro na Rússia, também conhecida como Revolução Bolchevique ou Revolução Vermelha: foi a segunda fase da Revolução Russa de 1917, depois da Revolução de Fevereiro do mesmo ano. Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_de_outubro, em 16/10/2010. (8) Bolchevique: palavra da língua russa, que significa "maioritário". Assim foram chamados os integrantes da facção do Partido Operário Social-Democrata Russo liderada por Vladimir Lênin. Wikipédia: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bolchevique>, em 16/10/2010. (9) Josef Vissarionovitch Stalin (1878 - 1953): foi secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética e do Comitê Central, a partir de 1922 até a sua morte em 1953, sendo assim o líder soberano da União Soviética. Wikipédia: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Stalin>, em 16/10/2010. (10) Rembrandt Harmenszoon van Rijn (1606 - 1669): pintor e gravador holandês. Wikipédia: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rembrandt>, em 16/10/2010. (11) Doménikos Theotókópoulos: mais conhecido como El Greco (1541 - 1614): pintor, escultor e arquiteto grego que desenvolveu a maior parte da sua carreira na Espanha. Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/El_greco, em 16/10/2010. (12) A França de Vichy: foi o Estado francês de 1940 a 1944, o qual era um governo fantoche da influência Nazi, opondo-se às Forças Livres Francesas, baseadas inicialmente em Londres e depois em Argel. Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Fran%C3%A7a_de_Vichy, em 16/10/2010. (13) Leonid Fyodorovich Myasin (1896 - 1979): foi um bailarino e coreógrafo russo, mais conhecido pela transliteração em francês Léonide Massine. Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Leonid_Massine, em 16/10/2010. (14) Dag Hjalmar Agne Carl Hammarskjöld (1905 - 1961): diplomata sueco, que atuou como secretário-geral das Nações Unidas (ONU). Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Dag_Hammarskj%C3%B6ld, em 16/10/2010. (15) Vladimir Propp (1895 - 1970): acadêmico estruturalista russo que analisou os componentes básicos do enredo dos contos populares de seu país, visando identificar os seus elementos narrativos mais simples e indivisíveis. Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Vladimir_Propp, em 15/10/2010. (16) ARGAN, G. Carlo. *Arte Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. Pags. 471 e 472. (17) Op. Cit. Pag. 472. (18) Op. Cit. Pag. 473. (19) Eric Arthur Blair (1903 - 1950): jornalista, ensaísta e romancista britânico, que escreveu sob o pseudônimo de George Orwell. Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/George_orwell, em 17/10/2010.